

# Pode sair um pacote de emergência

É para tentar conter a inflação, mas sem congelamentos e com altas de juros

BRASÍLIA — O governo não tem condições de anunciar oficialmente uma inflação de 25% ao mês. Essa dura constatação reflete o grau de inquietação que tomou conta dos principais colaboradores do presidente Sarney, que defendem medidas de emergência para reduzir a inflação e com um programa econômico para a última etapa deste governo, a ser anunciado após a promulgação da Constituinte. Embora neguem a decretação de um congelamento de preços e salários, asseguram que está em gestação uma sequência de medidas para resgatar o controle da economia.

"Sem essa de congelamento", afirma uma fonte com acesso direto ao presidente Sarney que, entretanto, reafirma a disposição do governo em adotar medidas para evitar nova disparada da inflação e ao mesmo tempo impor novas reduções das contas públicas. "É hora de criar condições favoráveis à desindexação da economia", disse. Essa desindexação poderia ser feita por um mecanismo semelhante ao sugerido pelo ex-ministro Mário Henrique Simonsen, que defende a adoção de um redutor na inflação, que sinalizaria a queda no índice.

A angústia do Palácio do Planalto com o avanço da inflação do mês de julho e que estimulou o governo a pensar em ação rápida para deter o índice dos próximos meses não encontra muito respaldo no Ministério da Fazenda. Assessores do ministro Mafson da Nóbrega sustentam ainda que não há artifício capaz de reduzir uma queda rápida da inflação. E o ministro João Baptista de Abreu afirmou à imprensa que "um choque na economia seria uma decisão de alto risco". Um assessor direto do ministro Mafson comentou: "É natural que uma inflação de 24% provoque muitas discussões dentro do próprio governo. Mas não há alternativa a não ser aprofundar as medidas que já vêm sendo adotadas".

"Aprofundar as medidas" significa impor novos cortes de despesas para assegurar o cumprimento do déficit de 4% prometido ao Fundo Monetário Internacional. Para evitar que a onda de especulação sobre um possível choque na economia estimule a formação de estoques, acelerando a inflação, o governo está disposto a elevar as taxas de juros até "o limite em que as empresas suportarem".

O diretor de mercado de capitais do Banco Central, Keyler Carvalho, logo após reunião com o presidente Elmo Camões, confirmou a existência de estudos para tornar a política monetária mais ativa, aumentando os juros, mesmo que isso eleve o custo da dívida pública.